

A SEXUALIZAÇÃO DO CORPO NEGRO GAY: ANÁLISE DISCURSIVA DA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE EM MEIOS MIDIÁTICOS

Francisco Arkires Silva do Nascimento¹

Rafael Lima Vieira²

RESUMO

O presente trabalho examina como os discursos midiáticos contribuem para a hipersexualização e objetificação do corpo negro gay, limitando sua identidade e reforçando estereótipos raciais e sexuais. O estudo tem como objetivo analisar as representações visuais e textuais em plataformas digitais, como *X* (ex-Twitter), *Facebook* e *Reddit*, a partir de uma abordagem qualitativa e teórica, fundamentada nas teorias do discurso de Michel Foucault (1979), da representação cultural de Stuart Hall (1997) e da racialização de Frantz Fanon (1952). A metodologia utilizada envolve a análise crítica de imagens e comentários que retratam o corpo negro gay sob uma perspectiva fetichista. Os resultados indicam que tais representações perpetuam estigmas históricos que desumanizam esses indivíduos, confinando-os a um conjunto de atributos sexuais hiperbólicos. O artigo conclui que os discursos presentes nas mídias digitais reforçam as assimetrias de poder e a hegemonia racial, sugerindo a necessidade de uma revisão crítica dessas representações a fim de promover uma representação mais inclusiva e respeitosa da diversidade sexual e racial.

PALAVRAS-CHAVE

Sexualização; Corpo negro gay; Estereótipos; Mídias digitais; Identidade.

ABSTRACT

This work examines how media discourses target the hypersexualization and objectification of the black gay body, limiting their identity and reinforcing racial and sexual stereotypes. The study aims to analyze visual and textual representations on digital platforms, such as *X* (formerly Twitter), *Facebook* and *Reddit*, from a qualitative and theoretical approach, based on the discourse theories of Michel Foucault (1979), the cultural representation by Stuart Hall (1997) and racialization by Frantz Fanon (1952). The methodology used involves a critical analysis of images and comments that portray the black gay body from a fetishistic perspective. The results indicate that such representations perpetuate historical stigmas that dehumanize these individuals, confining them to a set of hyperbolic sexual attributes. The article concludes that the discourses presented in digital media reinforce power asymmetries and racial hegemony, indicating the need for a critical review of these representations in order to promote a more inclusive and respectful representation of sexual and racial diversity.

KEYWORDS

Sexualization; Gay black body; Stereotypes; Digital media; Identity.

Introdução

A sexualização do corpo negro gay é um fenômeno complexo e recorrente, que reflete a maneira distorcida pela qual o poder, a representação e a identidade foram historicamente

¹ Graduando em Letras no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), Campus Tianguá. E-mail: arkiressilva52@gmail.com

² Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE). Mestre em Educação Contemporânea pela Universidade Federal de Pernambuco, com pesquisa financiada pela Fundação de Apoio à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco (FACEPE). <https://orcid.org/0000-0002-8680-9104>.

estruturados, evidenciando as tensões sociais e culturais presentes na sociedade contemporânea. A imagem do corpo negro masculino, frequentemente associado à força, virilidade e a luxúria, sugere que ele é destinado unicamente à satisfação de impulsos sexuais, negligenciando outras dimensões essenciais da humanidade, como inteligência, educação, moralidade e valores. Nesse contexto, a intersecção entre raça, sexualidade e mídia se torna um terreno fértil para a análise das formas como os corpos de indivíduos negros e da comunidade LGBTQIA+ são representados e interpretados socialmente. Dessa forma, surge a seguinte questão: como os mecanismos discursivos sustentam as representações estereotipadas do corpo do homem negro gay na mídia e de que maneira essas representações impactam a formação de sua identidade e a percepção social deste grupo?

A mídia, enquanto uma das principais esferas de disseminação informacional e cultural da atualidade, desempenha um papel na formação de estereótipos e na produção de significados em torno do corpo e da sexualidade. Conforme argumenta Foucault (1979), os discursos midiáticos têm o poder de refletir a realidade, assim como a produzem, moldando as normas sociais e as percepções sobre o que é considerado ‘normal’ ou ‘desejável’. Nessa conjuntura, esta pesquisa justifica-se pela a necessidade de investigar de que maneira a sexualização do corpo negro gay nas mídias digitais reforça processos discursivos de estigmatização e sexualização.

Ainda, o presente estudo tem por objetivo analisar como a sexualização e os estereótipos associados ao corpo negro gay são estruturados e reproduzidos nas redes sociais. Como fundamentação teórica, faz-se uso da teoria do discurso proposta por Michel Foucault (1979), a fim de compreender como os discursos midiáticos e sociais reforçam tais estereótipos. Além disso, a análise é fundamentada nos conceitos de representação cultural de Stuart Hall (1997) e Homi Bhabha (1994), assim como nas reflexões sobre sexualidade e racialização de Frantz Fanon (2008). A pesquisa emprega uma metodologia de natureza básica, fundamentada em um gênero teórico. Como *corpus* de pesquisa, foram analisados um conjunto de imagens e capturas de tela (*prints*) obtidas de plataformas digitais como X (ex-*Twitter*), *Facebook* e *Reddit*. Nessas imagens, serão apresentados os discursos visuais e textuais que retratam o corpo de homens negros gays, com foco nas representações que reforçam as concepções de sexualidade e raça.

História e construção social do fetiche sobre o corpo negro masculino

A subjugação dos povos africanos realizada pelas potências europeias a partir do século XVI, especialmente no que diz respeito ao tráfico de pessoas e às relações de

exploração colonial no Brasil, criou contextos nos quais diversos estereótipos e percepções sobre a realidade dos homens negros foram construídos. Esses indivíduos eram frequentemente descritos como peculiares, ilógicos, fetichistas, brutais e primitivos, entre outros termos e classificações que refletiam um forte etnocentrismo e, principalmente, o racismo. A escravização resultou em várias representações visuais dos homens negros, que eram percebidos de maneira generalizada como meros animais, desprovidos de razão, inteligência, humanidade e cultura.

É possível perceber, a partir desse ponto, a profundidade da reflexão sobre a objetificação e a desumanização do indivíduo negro, que é reduzido a uma mera abstração social, perdendo as características que o definem enquanto ser humano (Queiroz, 2013). No contexto específico do homem negro e de seu corpo, Frantz Fanon (1952) em *Peles Negras, Máscaras Brancas*, descreve um dos mecanismos de inferiorização e a dinâmica de poder entre colonizador e colonizado, ou mais precisamente, entre o povo branco e o negro.

começo a sofrer por não ser branco, na medida que o homem branco me impõe uma discriminação, faz de mim um colonizado, me extirpa qualquer valor, qualquer originalidade, pretende que seja um parasita no mundo, que é preciso que eu acompanhe o mais rapidamente possível o mundo branco, “que sou uma besta fera, que meu povo e eu somos um esterco ambulante, repugnantemente fornecedor de cana macia e de algodão sedoso, que não tenho nada a fazer no mundo” (Fanon, 2008, p. 94).

Desse modo, pode-se afirmar que a fetichização e a sexualização do corpo negro masculino estão profundamente enraizadas em contextos históricos e culturais que perpetuam estereótipos prejudiciais, resultando na objetificação e desumanização desses indivíduos. Esse fenômeno se manifesta claramente na forma como a figura masculina negra é frequentemente percebida através de uma lente hipersexualizada, onde sua humanidade é reduzida a um mero objeto de desejo. Conforme argumenta Fanon (2008), o corpo negro sempre foi analisado sob uma perspectiva racializada que associa a negritude à hipersexualidade, ao perigo e à subalternidade. Nesse ínterim, este processo desumaniza o sujeito e fragmenta sua identidade, tornando-o um conjunto de características sexualizadas. Essas características são frequentemente avaliadas com base em atributos físicos, como a ‘genitália’, que se tornam o foco de objetificação e fetichização.

Além disso, os perfis antropológicos dos africanos escravizados e os estereótipos fomentados pelos colonizadores europeus revelam aspectos do mito associado ao negro, retratado como excessivamente sexual, lascivo e altamente desejável. Durante o período colonial, o sistema escravagista degradou o homem negro a uma condição quase animalizada, comparando-o a um animal irracional e restringindo suas funções à exploração laboral e à

reprodução, sem reconhecimento da sua humanidade. Para tentar explicar isso, Fanon (2008) explora a ideia de que a hostilidade branca em relação ao corpo negro pode ser motivada por sentimentos de impotência ou inferioridade sexual.

No plano genital, será que o branco que detesta o negro não é dominado por um sentimento de impotência ou de inferioridade sexual? Sendo o ideal de virilidade absoluto, não haveria aí um fenômeno de diminuição em relação ao negro, percebido como um símbolo fálico? O linchamento do negro não seria uma vingança sexual? Sabemos tudo o que as sevícias, as torturas, os murros, comportam de sexual. Basta reler algumas páginas do Marquês de Sade para nos convenceremos... A superioridade do negro é real? Todo mundo sabe que não. Mas o importante não é isso. O pensamento pré-lógico do fóbico decidiu que é assim (Fanon, 2008, p. 139).

Seguindo o raciocínio de Fanon (2008), a fetichização do corpo negro masculino está ligada à forma como a sociedade branca projeta seus medos e inseguranças sobre esse corpo, especialmente no que diz respeito à virilidade. O autor sugere que o homem negro, muitas vezes percebido como um símbolo fálico, desperta no homem branco sentimentos de inferioridade sexual. Esses sentimentos, por sua vez, alimentam fantasias fetichistas que posicionam o negro como o ápice da masculinidade e do desejo sexual. A idealização de sua virilidade cria uma narrativa onde o corpo é visto como uma entidade sobre-humana, sempre pronta para atender aos desejos do outro, o que o coloca em uma posição de objetificação constante.

Ademais, esteticamente, os africanos se encontravam bem distantes dos padrões e concepções de beleza europeia. Contudo, há relatos que evidenciam que os escravizados possuíam uma beleza e estética peculiares, agradáveis aos olhos dos colonizadores europeus, a beleza que costumamos classificar como “beleza exótica” por não estar em sintonia com o modelo estético que imperava no imaginário branco. Tollenare (*apud* Freyre, 2004, p. 57) afirmou ter visto:

Grandes latagões [homens novos, altos e robustos] musculosos ocupados a fiar algodão”, negros detentores de físico “menos robusto que o carregador francês, porém os movimentos menos duros; o peito abaulado [saliência externa curva e arredondada]: a coxa nervosa; a pele negra luzidia desprovida de pelos, deixando perceber todo o jogo de seus músculos muito móveis, os braços e sobretudo as pernas de ordinário fracos. [...] Vi negros com formas de Apolo [deus da mitologia grega detentor da beleza, perfeição, harmonia, razão e do equilíbrio.

Considerar a beleza, a estética e as características físicas e anatômicas é um exercício de grande importância para a compreensão das representações coletivas sobre a sexualidade do homem negro e suas diversas manifestações ao longo do tempo. Esses fatores são componentes que provocam e insinuam as construções das relações de concupiscência e da erotização dos corpos. A percepção imagética do negro como sempre disponível para atender a desejos sexuais alheios torna-se um fetiche, onde o ser humano é visto como uma entidade

puramente física, um símbolo sexual idealizado. Essas fantasias são frequentemente baseadas em uma construção imaginária e racializada da masculinidade, onde este indivíduo é considerado o ápice da virilidade. Seu corpo é objetificado, seus atributos físicos, como músculos e genitália, são exaltados como fontes de desejo e exploração. Dessa forma, o corpo negro é despidido de qualquer complexidade emocional ou intelectual, tornando-se apenas um corpo a ser consumido.

Sexualização do corpo negro: construção discursiva e implicações sociais

As características físicas dos indivíduos negros, que se distinguem em alguns aspectos das dos brancos ou de outras etnias, contribuem para a manutenção de estereótipos discursivos a eles atribuídos. O comportamento e a performance sexual dos negros são frequentemente vinculados à percepção do tamanho de seus órgãos genitais. No imaginário coletivo, prevalece a concepção de que esses homens são ‘bem dotados’, ‘avantajados’, ‘pirocudos’ e apresentam características sexuais hiperbolizadas, o que perpetua estigmas amplamente disseminados sobre sexualidade e prazer exacerbado. Fanon (2008, p. 147) afirma que: “o branco está convencido de que o negro é um animal: se não for o comprimento do pênis, é a potência sexual que o impressiona”. Desse modo, essa hipersexualização leva à fragmentação da identidade do homem negro, que se vê confinado a um conjunto de atributos físicos e sexuais, sem espaço para expressar outras dimensões de sua humanidade.

A teoria de Fanon (2008) sobre a hipersexualização do corpo negro, particularmente em relação ao órgão genital, torna-se evidente ao analisarmos a imagem a seguir (Figura 1), extraída da rede social *Facebook*. Nessa imagem, um homem negro é comparado à escultura de Davi, de Michelangelo, e a legenda em caixa alta enfatiza: "Eu acho que um dos motivos da escravidão foi a inveja". O discurso implícito na imagem sugere uma referência ao pênis do homem negro, descrito como maior em tamanho e espessura em relação ao do homem branco. Além disso, o corpo negro é representado de forma visual como mais robusto, forte e viril, reafirmando estereótipos históricos de superioridade física e sexualidade exacerbada. Esses elementos evidenciam o processo de objetificação e sexualização do corpo negro, perpetuado por meio de discursos que reforçam hierarquias raciais e de gênero, conforme discutido por Fanon.



Figura 1 - Comparação dos Órgãos Genitais.
Fonte: Facebook.

O corpo, exaltado por sua suposta potência sexual e virilidade, torna-se o único foco de interesse, desconsiderando a totalidade do indivíduo. A mídia, o cinema, a literatura e a indústria pornográfica perpetuaram e continuam perpetuando a visão do homem negro como um símbolo de vigor sexual e instinto primitivo. Nessa Perspectiva, Rodrigues (2015, p. 273) afirma:

É importante ressaltar, que na maioria das vezes essa virilidade é associada ao tamanho do órgão sexual masculino. Espera-se que as proporções penianas do homem negro sejam “compatíveis” com a sua masculinidade, então virilidade, potência sexual e tamanho do pênis devem ser proporcionalmente equiparadas.

Dessa maneira, a fetichização desses corpos, ao se apoiar na ideia de virilidade absoluta, reitera relações de poder onde o homem é mantido em uma posição subalterna, incapaz de se desvencilhar dos estereótipos raciais que lhe são impostos. O processo de objetificação é, portanto, uma ferramenta de controle, que serve para reafirmar a posição dominante do branco, enquanto o corpo negro permanece aprisionado em uma construção fetichista que lhe nega a complexidade de sua própria humanidade.

Segundo Stuart Hall (1997), as relações coloniais geraram diversos estereótipos sobre o homem negro, configurando um exercício contínuo de violência simbólica. Ainda, o autor entende a representação de sujeitos sociais como um sistema dinâmico e complexo, vinculado às práticas discursivas e condicionado por relações de poder. Ele esclarece que, ao longo da História, certos grupos sempre mantiveram domínio discursivo sobre outros. Dessa forma,

pode-se afirmar que a representação social é um resultado discursivo, cujo sentido é influenciado por regimes de verdade e relações hegemônicas. Ou seja, a dominação colonial e a imposição do poder sobre os grupos subordinados e marginalizados autorizava os colonizadores a exercerem liberdade na criação de suas próprias projeções, percepções, sistemas de valores, ideologias e representações sobre o “outro”. Isso resultava em estereótipos impregnados de etnocentrismo e que sustentavam um discurso rígido, degenerado, paradoxal e hegemônico do colonialismo, perpetuado de maneira perversa ao longo do tempo.

Nessa perspectiva, Bourdieu (1996, p. 87) afirma que “o poder das palavras é apenas o poder delegado ao porta-voz”. A partir disso, os estereótipos se formam como uma maneira de serem aceitos, sendo desejados e moldados pelos discursos que ressoam tanto nos grupos sociais quanto na sociedade como um todo. Em uma relação simbiótica, os estereótipos emergem como simplificações distorcidas da realidade, tornando-se uma representação fixa e limitada, que ao suprimir a diversidade, cria desafios para a representação do sujeito nas interações sociais. Com relação a isso, Albuquerque afirma:

O discurso da estereotipia é um discurso assertivo, repetitivo, é uma fala arrogante, uma linguagem que leva à estabilidade acrítica, é fruto de uma voz segura e auto-suficiente que se arroga o direito de dizer o que é o outro em poucas palavras. O estereótipo nasce de uma caracterização grosseira e indiscriminada do grupo estranho, em que as multiplicidades e as diferenças individuais são apagadas, em nome de semelhanças superficiais do grupo (Albuquerque Júnior, 2010, p. 20).

O estereótipo, mais do que uma visão superficial, exige uma sequência contínua e repetitiva de outros estereótipos para que sua significação seja efetiva. As mesmas narrativas precisam ser constantemente reafirmadas sobre determinado aspecto da identidade cultural, garantindo sua força simbólica. Isso se apresenta como um reconhecimento automático e visível da diferença. No entanto, Bhabha (2005) observa que “o estereótipo é uma pré-construção ou uma montagem ingênua da diferença que legitima a discriminação”. Dessa maneira, entende-se que tanto o corpo negro quanto as identidades sexuais relacionadas a ele são moldados pelos discursos. Para Silva (2000, p. 81), “a identidade e a diferença resultam de um processo de produção simbólica e discursiva”, onde “identidade e diferença compartilham uma característica fundamental: elas são frutos de atos de criação linguística” (p. 76). Assim, um corpo construído discursivamente não pode ser separado dos atos linguísticos que o nomeiam e constituem.

Padrões discursivos sobre o corpo negro gay nas mídias digitais: análise das representações sexualizadas e fetichizadas

Como já supracitado, a estereotipação, sexualização e o desejo lascivo pelo corpo negro, como uma manifestação identitária do racismo, estão presentes em todas as esferas da sociedade. Esse fenômeno de hipersexualização de homens negros muitas vezes são objetificados por meio de discursos que os reduzem a corpos fetichizados. No contexto da comunidade LGBTQIA+, os homens negros gays também enfrentam esses estigmas, sendo frequentemente pressionados a se adequar a “padrões” ao estabelecerem relações românticas e sexuais. Um desses estereótipos envolve a expectativa de que eles desempenhem sempre o papel de parceiros ativos (Figura 2) nas relações sexuais, exibindo características de força, virilidade e domínio.

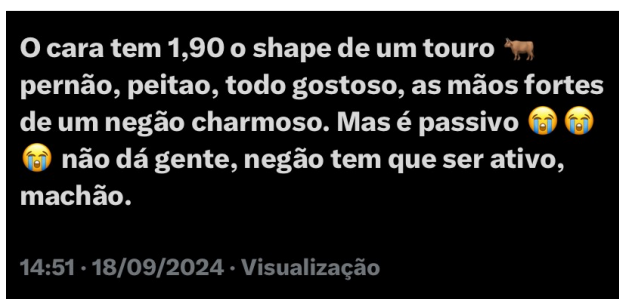


Figura 2 - O sujeito negro gay objetificado como ativo.
Fonte: X.

Neste e em qualquer outro contexto, o discurso constrói o papel social desse grupo e constrói um lugar para esses sujeitos: o local dos homens negros gays. É no e pelo discurso que as oposições binárias de raça e sexualidade são reforçadas, especialmente no contexto das interações sociais e afetivas. Dessa forma, é através do discurso, dentre outras dimensões da prática social, que (re)produzimos identidades e que se produzem lugares e papéis sociais para esses indivíduos. São essas identidades e esses lugares que sustentam aspectos ideológicos e hegemônicos, contribuindo para a manutenção de assimetrias de poder e para as produções de sentido sobre o que é ou não ser ‘desejável’ e ‘aceitável’ na sociedade. O estigma que recai sobre o homem negro aproxima-se de uma animalização de sua identidade por diversos fatores, reduzindo-o à criminalidade, violência, desvalorização e à condição de ignorante, além da erotização excessiva por meio da hipersexualização de seus corpos. Como destaca Fanon (2008, p. 138), “diante do negro, com efeito, tudo se passa no plano genital”.

No ambiente digital, como em aplicativos de relacionamento e redes sociais, esses preconceitos são ainda mais amplificados, reforçando padrões hegemônicos que delimitam o ‘gay ideal’ de acordo com o modelo colonizador. A lógica racista, capacitista, misógina e patriarcal, herdada da colonização, impõe um desejo que privilegia corpos considerados

"brutos", masculinizados, com aparência robusta e definida. Nessa construção, a raça se configura como uma área de poder que define as relações afetivas e a orientação dos desejos homossexuais. O homem negro gay e afeminado, por não corresponder a esses atributos exigidos pelo ideal dominante, é deslocado para um lugar de invisibilidade e inferioridade, sendo marginalizado dentro de sua própria comunidade, conforme representado na figura 3.

Tenho um vizinho, casado com uma mulher linda. Ele é visivelmente um Deus Africano, alto, musculoso, peitoral estourando. Nossa, perfeito. Ontem descobri que ele trai ela com homens, fiquei muito decepcionado, não pela traição, mas por ele gostar de levar madeira igual eu. 🤔🤔

Figura 3 - Visão social do sujeito gay.

Fonte: X.

O sujeito, ao descobrir que seu vizinho, anteriormente idealizado como um “Deus africano” devido à sua beleza física e à correspondência aos padrões estéticos dominantes, mantinha relações extraconjugais com outros homens, experienciou uma profunda decepção. Tal sentimento não emerge pela transgressão dos laços conjugais mas, sobretudo, pela constatação de que o vizinho se posicionava como ‘sujeito passivo’ nessas relações, rompendo com as expectativas normativas e hegemônicas da masculinidade que pressupõem, dentro de uma lógica heteronormativa, a primazia do papel ‘ativo’ para homens. Essa revelação desafia as convenções tradicionais e desestabiliza a construção social que associa a masculinidade negra à hipersexualização e à virilidade impositiva, revelando uma multiplicidade de práticas sexuais que subvertem as narrativas de poder sexual comumente atribuídas a esse grupo.

A figura desses indivíduos são frequentemente vistos como instrumentos destinados a satisfazer os desejos e fetiches sexuais dos brancos, perpetuando estereótipos racistas que associam a superioridade sexual ao exotismo. Nesse contexto, constrói-se uma identidade sexual do homem negro, seja ele heterossexual ou homossexual, baseada na expectativa de que todos devem ser extremamente masculinos, possuir grandes pênis, demonstrar agressividade e atuar como parceiros ativos e ‘bárbaros’ nas relações sexuais. Essa fetichização é uma forma de desumanização, que os coloca em um “não-lugar” (Santos; Santos, 2022, p. 11), negando-lhes a subjetividade e a individualidade.

Nas comunidades homossexuais, o corpo do homem negro continua a ser moldado por esse estereótipo, que impõe o papel de ativo. No entanto, quando esse ideal é rompido, ocorre uma intersecção entre o estigma da homossexualidade e as questões raciais. A criação de um estereótipo está espelhada em modelos hegemônicos, ou seja, corresponde ao que a sociedade em geral estabelece como ideal, e é perpetuada pelo próprio corpo social para a manutenção dos papéis tradicionais de homens e mulheres nas dinâmicas de poder.

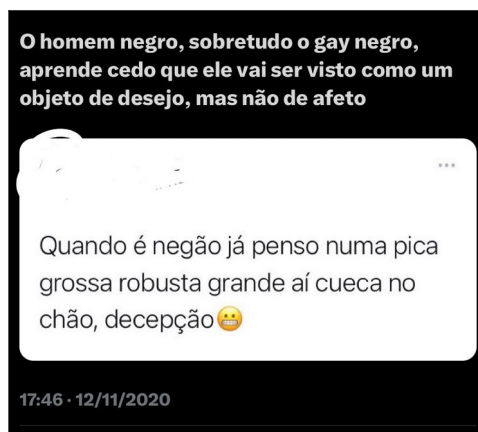


Figura 4 - O Negro como objeto de desejo.

Fonte: X.

Na imagem representada na Figura 4, a identidade enraizada no imaginário social sobre o negro reflete claramente os estigmas discutidos anteriormente. O sujeito A (a pessoa que comentou o *post*) observa em um comentário sobre “como o homem negro, especialmente o gay, aprende desde cedo que será visto apenas como um objeto de desejo e não como um ser capaz de despertar afeto”. Este comentário foi feito em resposta ao comentário sexista, racista e pejorativo do sujeito B, que diz “Quando é negão já penso numa pica grossa robusta grande aí cueca no chão, decepção”.

O discurso do sujeito B enfatiza a fetichização do homem negro, apresentando-o como um ser idealizado exclusivamente no âmbito sexual. A partir do momento em que o “negão”, como é referido no *post*, não corresponde a essa idealização, o sujeito que o idealizou experimenta um sentimento de decepção. Esse fenômeno revela como a construção de identidades no contexto racial e sexual desumaniza o homem negro, limitando suas experiências e reduzindo sua complexidade a meros estereótipos.

A ideia enraizada e perpetuada no imaginário social de que homens negros possuem um pênis acima da média reflete um processo claro de racismo, no qual esses indivíduos são retratados de maneira agressiva e bestializada, reforçando estereótipos coloniais que

desumanizam e objetificam seus corpos. A construção do corpo do homem negro como um fetiche é amplamente evidenciada na indústria pornográfica, onde há uma categoria popular dedicada exclusivamente à exibição de homens negros com genitália grande ou gigantesca. Nesse contexto, há uma ênfase explícita na cor da pele e no pênis dos homens negros, uma prática que não ocorre com a mesma intensidade em relação a homens de outras etnias. Em relação a isso, Souza afirma:

O homem negro não é um homem. Como nos lembra Fanon (1983), no imaginário ocidental, um homem negro não é um homem, antes ele é um negro e como tal não tem sexualidade, tem sexo, um sexo que desde muito cedo foi descrito no Brasil com atributo que o emasculava ao mesmo tempo em que o assemelhava a um animal em contraste com o homem branco (Souza, 2009, p. 100).

Esses estereótipos contribuem para a desumanização dos homens negros, reduzindo-os a objetos de desejo sexual e perpetuando a lógica racista que os associa à hipermasculinidade e à violência. A Figura 5, capturada de um comentário na plataforma social *Reddit*, ilustra como o homem negro é percebido na sociedade, evidenciando a visão marginalizada que associa sua imagem à hipersexualização. Esse tipo de estereótipo, além de desumanizar, acarreta profundas consequências psicológicas para esses homens, que são frequentemente reduzidos a objetos de desejo e fetichização, em detrimento de sua individualidade e complexidade.

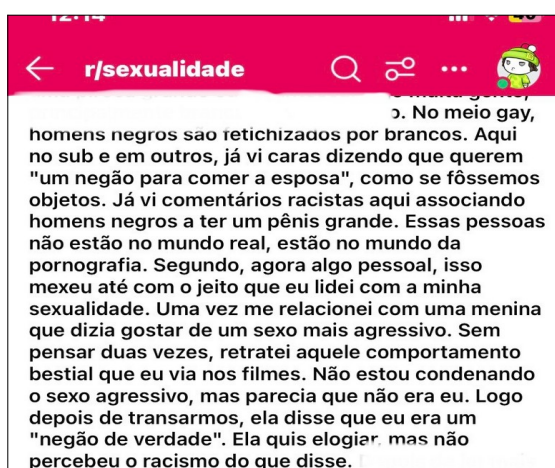


Figura 5 - Consequências psicológicas da objetificação.
Fonte: *Reddit*.

O relato de experiência presente na Figura 5 revela a visão social imposta sobre o corpo negro e o impacto psicológico dessa hipersexualização, que influencia diretamente a

forma como o sujeito C, (pessoa que publicou o relato), se percebe e vivencia sua sexualidade. O depoimento expõe como o racismo sexualizado, ao associar homens negros a um pênis grande e a comportamentos sexuais agressivos, desumaniza e reduz esses indivíduos a estereótipos fetichistas. A imagem representada na figura a seguir (Figura 6), reforça essa discussão pois o depoimento do indivíduo destaca a maneira como as pessoas projetam seus desejos sexuais utilizando a cor da pele como um dos principais critérios, perpetuando estereótipos prejudiciais. Frases como “quero que um negão coma minha esposa” ou “só gosto de negão por causa do pau” evidenciam o racismo estrutural e demonstram como esses desejos são moldados pela hipersexualização e objetificação do corpo negro.

Além disso, o relato aponta para a forma como essas projeções de desejo geram um ambiente social agressivo, no qual o corpo negro é posicionado como um “troféu” a ser exibido, reforçando uma dinâmica de poder que continua a marginalizar a população negra. Essa instrumentalização do corpo negro é uma manifestação clara do racismo contemporâneo, que se alimenta de uma história de exploração e desumanização, perpetuando um ciclo vicioso que nega a subjetividade e a dignidade negra. Esse fenômeno é analisado por Fanon (2008), que discute como a colonização e o racismo levam à internalização de uma identidade subjugada. Para Fanon, o homem negro, diante das expectativas e fetiches que lhe são atribuídos, vê-se em uma luta constante para se afirmar como humano e fugir da “animalização” imposta pelo olhar racista.

Eu, como homem preto, vejo muito disso. As pessoas adquiriram essa ideia e infelizmente não conseguem largar de jeito nenhum.

Definem os fetiches delas usando a cor da pele.
“Quero que um negão coma minha esposa” “preciso de um pau preto” “só gosto de negão por causa do pau” e afins.. transmitem o racismo que sofremos e nos colocam de forma agressiva em qualquer lugar.

As minas querem namorar homens pretos pra exibir
pra amigas e fazer elas pensarem no “tamanho do

Figura 6 – “[...] querem namorar homens pretos para exibir”.

Fonte: *Reddit*.

O relato do sujeito ilustra essa dinâmica, quando ele relata que, ao assumir um comportamento sexual “bestial” inspirado pela pornografia, sentiu-se deslocado de sua própria identidade, uma sensação de despersonalização que Fanon chama de “alienação do ser”. Ao final, a validação recebida pela parceira ao ser chamado de “negão de verdade” reforça a ideia de que sua masculinidade é apenas reconhecida dentro dos limites do fetiche

racial, perpetuando o ciclo de opressão e estigmatização. Esse tipo de experiência demonstra como o racismo, ao sexualizar o corpo negro, exerce uma violência simbólica que vai além do campo físico, afetando a construção subjetiva do indivíduo. Soares (2008) ressalta que a construção social relacionada ao homem negro compromete sua individualidade, relegando-o a um estado de objetificação e desumanização.

É o negro visto como o bom de cama, mas alvo dos estereótipos que afetam sua autoestima, pois busca enfatizar diferenças que tentam inferiorizá-lo em relação à construção social do homem branco. É o sujeito que tem a potência do falo, mas está subestimado por não corresponder a padrões eurocêtricos de beleza, subjugado ao lugar das minorias em cargos políticos, em atividades profissionais bem remuneradas, nas universidades e ainda tratado como alvo permanente da opressão policial. (Uzel, 2020, p. 93).

A chegada dos colonizadores à África gerou uma reação de espanto diante das representações em barro do orixá Exu, que era concebido como um homem com um pênis desproporcionalmente grande, superando o tamanho de seu corpo. Em função disso, a Igreja Católica estabeleceu uma associação entre Exu e a figura do diabo cristão, considerando-o um deus de uma cultura distinta da católica e apresentando características sexuais marcantes (Costa, 2012), as quais eram sistematicamente silenciadas e reprimidas pela instituição eclesiástica. O imaginário social em torno do “negão” forte e viril fundamenta-se em matrizes históricas como essas, que, por sua vez, configuram o pensamento colonial brasileiro. Essa construção associativa entre força e virilidade molda a representação do homem negro e também influencia a construção do ideal de pênis.

O período escravagista, que consolidou a escravidão como uma instituição social, reverbera na contemporaneidade de forma explícita. A expectativa em relação à figura do “negão” entre homens negros decorre desse processo de exploração e silenciamento da população negra. Esse estereótipo configura um corpo que é concebido como forte, viril, sexualmente atraente, inesgotável e sempre disponível para satisfazer os desejos de aqueles que o fetichizam.

Considerando isso, esse arquétipo que permeia o imaginário social, assim como o imaginário de parte da comunidade LGBTQIA+, especialmente entre homens gays, possui raízes profundamente enraizadas na história da colonização brasileira. Ao observar a comunidade LGBTQIA+, percebe-se uma expectativa recorrente de que homens negros devem incorporar características específicas, homologadas às construções sociais predominantes.

Considerações finais

Por fim, as análises desenvolvidas ao longo deste artigo permitiram uma compreensão crítica dos mecanismos discursivos que sustentam a sexualização do corpo negro gay e os impactos disso na construção de sua identidade em meios midiáticos. Ao examinar as representações visuais e textuais presentes em plataformas digitais, revelou-se como o corpo negro masculino é constantemente objetificado e hipersexualizado, confinando esses sujeitos a estereótipos que reforçam dinâmicas de poder racial e sexual. A interseção entre raça, sexualidade e mídia evidencia que esses discursos midiáticos perpetuam uma hegemonia que aprisiona o homem negro gay em uma posição subalterna, negando-lhe a complexidade de sua subjetividade e identidade.

O presente estudo contribui para os debates acadêmicos sobre a racialização e a sexualização no campo da análise discursiva e dos estudos culturais, ao revelar as implicações sociais e psicológicas da fetichização do corpo negro. Com base nas teorias de autores como Michel Foucault (1979), Stuart Hall (1997) e Frantz Fanon (1952), foi possível discutir a maneira pela qual o racismo e a colonialidade moldam as práticas discursivas que continuam a desumanizar o corpo negro. As reflexões aqui expostas evidenciam a necessidade de desconstrução desses estereótipos em busca de uma representação mais diversa e inclusiva, que respeite a pluralidade de experiências dentro da comunidade LGBTQIA+.

Portanto, a sexualização do corpo negro gay, enquanto prática discursiva, deve ser reconhecida como um fenômeno histórico e cultural, cujas raízes estão profundamente imbricadas em relações coloniais de poder. A pesquisa aqui desenvolvida amplia o campo de estudo ao propor uma análise crítica da reprodução midiática dessas imagens estigmatizadas, além de sugerir a urgência de novos estudos que explorem alternativas discursivas que promovam a dignidade e a valorização desses sujeitos, para além de sua objetificação sexual.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE Júnior, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 2005.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer**. São Paulo: EDUSP, 1996.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato Da Silveira. 2. ed. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 17. ed. São Paulo: Loyola, 2014.
- FREYRE, Gilberto. **Nordeste: aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do Nordeste no Brasil**. 7. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2004.

- GILMAN, Sander L. **Diferença e patologia: estereótipos da sexualidade, raça e loucura**. Tradução de Wladir Dupont. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2014.
- QUEIROZ, Ivo Pereira de. **Fanon, o reconhecimento do negro e o novo humanismo: horizontes descoloniais da tecnologia**. 2013. Tese (Doutorado em Tecnologia) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2013.
- RODRIGUES, Walter Hugo de Souza. Desmistificando a sensualidade naturalizada do ébano: Um estudo acerca da objetificação do corpo do homem negro. **Revista Cadernos de Gênero e Tecnologia**, 13 (41): 267-284, 2020.
- SANTOS DA COSTA, Oli. **Exu, o orixá fálico da mitologia nagô-yorubá: demonização e sua resignificação na Umbanda**. Tese de Doutorado, Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2012.
- SANTOS, C. L. B. dos; SANTOS, M. A. dos. Campainhas, Letreiros, Luz de Política: sobre ser negro, gay e filho de família inter-racial. **Psicologia & Sociedade**, São Paulo, v. 34, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2022v34246174>. Acesso em: 19 set. 2024.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. “A produção social da identidade e da diferença”. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). **Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- SOUZA, Rolf Malungo Ribeiro de. As representações do homem negro e suas consequências. **Revista Fórum Identidades**, 6 (6): 98-115, 2009.
- UZEL, Marcos. “O estigma do super negão: sexualidade em debate numa peça do bando de teatro Olodum”. In: OLIVEIRA, Felipe Henrique Monteiro (org.). **Nudez em cena: insurgências dos corpos**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2019. pp. 88-103.